

# Documentos vivos da Igreja

Wilfrid Buchweitz

Preleção inaugural pronunciada em 23 de abril na Faculdade de Teologia da IECLB.

## Tema

A partir de uma colocação do pastor Anton T. Boisen fala-se nos Estados Unidos em “written documents” e em “living documents” — documentos escritos e documentos vivos — na Igreja. Boisen é considerado um dos pais da Clinical Pastoral Education — educação em Clínica Pastoral. Ele mesmo esteve internado algumas vezes em instituições para doentes mentais e ali sentiu a solidão dos doentes, seu abandono pela Igreja e a falta de preparo dos pastores para situações como a dele. Isso o levou a preocupar-se não apenas consigo mesmo, mas com o problema de maneira geral. Resolveu oferecer a estudantes de teologia, capelães de hospital e pastores de comunidade, um estudo do mundo dos doentes e de um tratamento conveniente.

A conclusão a que chegou foi a de que a formação dos pastores era unilateral. Toda a atenção era dada aos “written documents”. Mas na hora do uso da bagagem teológica falhava a comunicação: o mundo do pastor era um, o do doente era outro e nenhum dos dois conseguia romper a barreira em direção ao outro. O doente falhava porque estava debilitado, o pastor falhava porque não sabia que a doença traz consigo uma porção de fatores que modificam a situação do homem. Por isso a tecla de Boisen são os “living documents”, os “living human documents” — os documentos humanos vivos — este o termo exato que ele usa. Bate-se por um estudo cuidadoso destes documentos na Igreja, com a mesma ênfase com que ela estuda documentos escritos. O tema desta noite aborda a colocação de Boisen, com vistas à situação na IECLB.

## Base para o tema

Estão incorporadas ao trabalho leituras, estudos e impressões do meu estágio nos Estados Unidos no ano passado. Ao lado disso meus 20 anos de pastorado em pequenas e grandes comunidades da colônia, em pequena e média cidade do interior e na área da Grande Porto Alegre, possibilitam-me ver um quadro bastante amplo da realidade da IECLB e a partir daí sinto autoridade de apresentar minhas observações, experiências e reflexões. Certamente incorro no perigo da subjetividade. Mas vejo esta subjetividade positivamente se ela motivar uma discussão sobre o assunto em foco.

## O assunto na IECLB

Uma rápida análise mostra que o tema tem importância na IECLB. Na formação dos pastores na IECLB temos uma ênfase muito grande, séria, respeitável e, quem sabe, exemplar, no estudo dos "written documents" da Igreja, Sagrada Escritura, credos da igreja primitiva, escritos confessionais e literaturas teológicas em geral. Mas não se constata, de maneira geral, a mesma preocupação com o estudo dos "living human documents". Aqui gostaria de fazer duas colocações bem acentuadas:

1 — A constatação acima, e nenhuma outra neste trabalho, tem o sentido de atirar pedra. A Igreja tem seus limites, que ontem estiveram lá, hoje estão aqui, e amanhã estão noutro lugar. Está claro que houve omissões, fracassos, desobediência, na Igreja, no passado. Há as mesmas coisas hoje e as haverá amanhã. Se as criticamos só o podemos fazer para tirar lições construtivas para nós, e nunca para desfazer, rebaixar, destruir algo ou alguém e para mostrar ingratidão. Não queremos, nem podemos nos justificar ou engrandecer a custa de outros.

2 — Não se pretende esvaziar um bom estudo de teologia nas salas de aula, nos quartos dos estudantes, na biblioteca e nos gabinetes dos pastores e docentes. Não creio que uma igreja em nossos dias possa achar o seu lugar e desincumbir-se de sua tarefa sem um estudo de teologia sério e profundo. O estudo acadêmico de teologia é tão importante hoje como em qualquer outra época. O que se pretende dizer é que ao lado de um bom estudo acadêmico de teologia haja um bom estudo dos documentos vivos da Igreja. Poder-se-ia dizê-lo também assim; ao lado do estudo dos documentos vivos da Igreja deve haver um bom estudo acadêmico de teologia. As duas coisas são necessárias e precisam existir conjugadas, sempre com vistas ao homem na IECLB. Isto é e deve ser um desafio.

O desafio está sendo visto e mais e mais aceito. Resta, no entanto, um longo caminho a ser trilhado. Ainda não temos e nunca tivemos preocupação sistemática pelos "living documents". É claro que o assunto nunca esteve totalmente ausente. O Evangelho por si leva a isso. A preparação da prédica dominical contém o estágio da meditação, que pergunta pela comunidade e por seus membros. A preocupação de alguns pastores, no passado, pelos membros da comunidade fê-los mudar de ênfase no trabalho e alguns adquiriram conhecimentos de medicina para poder ajudar na falta total de recursos neste sentido. Outros tornaram-se professores ao lado do pastorado. A preocupação poimênica sempre esteve presente no trabalho. Mas a preocupação de Boisen vai mais longe. Ela é mais sistemática, mais generalizada, mais científica. Precisa-se dizer que as ciências humanas tornam essa visão possível só a partir de uma certa data.

## **Nossos "living documents":**

Quem são nossos "living documents"? Quem são os membros de nossas comunidades? Quem são os não membros? Onde estão eles? Por que estão ali? Por que não estão ali? O que está por detrás da fachada? Onde se encontram em relação a Jesus Cristo? Onde estão em relação à IECLB? Onde estão em relação a si mesmos? Em relação ao próximo?

Todas estas perguntas não para um julgamento discriminatório, nem para vasculhar vidas alheias, nem para invadir sua intimidade, nem para mais facilmente dominá-los, mas com a preocupação de encontrá-los a eles mesmos, de aceitá-los a eles mesmos, de estar com eles, de ser um pequeno cristo para eles, de ser e viver graça, a graça do Novo Testamento, para eles.

Para isso é importante que ao mesmo tempo se pergunte: Quem sou eu? Onde me encontro? Onde estão as minhas forças? Onde minhas limitações? Quais são as minhas fachadas? Onde estão os meus mecanismos de defesa? Estou me aceitando a mim mesmo? Por que expludo facilmente? Por que consegui manter o equilíbrio naquela situação? Por que não consigo fazer visitas? Por que não consigo progredir no texto? Quem sou eu em relação ao outro? Estou indo ao outro por causa de mim ou por causa dele? Ou por causa de nós dois? Ou por causa de nós dois em relação a terceiros?

Numa época em que se investe enormemente em educação, em que há seminários, cursos, escolas, simpósios, jornadas, a respeito de tantas coisas que conhecemos e não conhecemos, no mundo ao redor de nós, há pouca motivação de eu me estudar a mim mesmo. Temos antropologia, sociologia, psicologia, que estudam o homem, a humanidade, a sociedade, em trabalhos sérios e importantes. Mas, ao menos no Brasil, falta um capítulo muito importante, uma espécie de "egologia", onde eu possa me conhecer a mim mesmo. Muitas vezes conheço bastante do mundo ao meu redor, mas pouco do mundo dentro de mim.

## **Pinceladas no quadro da IECLB**

Quem são os membros da IECLB? Seria importante abordar esta pergunta uma vez, por exemplo, a partir da sociologia. Isso não é possível aqui e alguns aspectos deste enfoque apenas aparecem por serem ao mesmo tempo aspectos teológicos e eclesiais. Neste sentido vão aqui algumas considerações.

Estimo que a maioria dos membros da IECLB vive de um ensino confirmatório de menos de um total de 50 horas e de cultos muitas vezes bastante esporádicos. Na grande maioria dos lares não há devocional caseira. São raras as pessoas que tem oportunidade ou condições de exercitar-se num posicionamento evangélico diante de situações e decisões da vida.

Quem fizesse uma enquete em nossas comunidades, encontraria muito pouca gente capaz de articular as idéias básicas da fé evangélica. Também os membros fiéis da Igreja são bastante dependentes da comunidade e sem suficiente definição e posição próprias. Não conhecem as bases teológicas evangélicas, não se definiram vivencialmente e por isso não conseguem formular sua fé nem para si, e também não para os outros.

Poucas pessoas tem oportunidade de verbalizar sua fé. Esta faz parte das coisas íntimas sobre as quais não se fala. Sabemos que isso pode ter motivos legítimos. Por outro lado isso levou a um atrofiamento da capacidade de abordar problemas de fé, alegrias de fé, e questões da vida diante da fé. Isso traz isolamento e vem em prejuízo de um aspecto muito importante da vida cristã, a comunhão. Apenas nos últimos anos possibilita-se aos membros de nossas comunidades algumas experiências de vida cristã em conjunto, por exemplo, em retiros de jovens, de confirmandos, de casais, mas ainda em número muito reduzido.

As influências não evangélicas, de fora, são muito grandes na vida de nossa gente. A influência de uma religiosidade católica muito vaga é grande. Muita gente está teologicamente mais próxima da igreja católica antes do Vaticano II do que da luterana. Nas cidades o pensamento umbandista está sendo absorvido por nossos membros. Os centros estão logo ali e bem perto mora alguém que lá mandou fazer passes e se sente aliviado de sua dor ou doença.

Temos profundamente enraizada na mente de nosso pessoal a concepção do homem dividido em esfera espiritual e material. Fé abrange apenas uma parte da vida. O tamanho de nossas comunidades é muito grande e o pastor é demasiadamente detentor de toda a responsabilidade. São corriqueiras as expressões: "pastor, em matéria de religião sou principiante", "sou zero", "preciso do Mobral". Os membros de nossas comunidades pensam em termos concretos, não conseguem pensar em dimensões abstratas. O mundo deles é o mundo concreto da agricultura e da fábrica, na maioria dos casos. Isso lhes dificulta refletir em assuntos abstratos teológicos.

Na zona rural provavelmente está o grupo de pessoas a quem, aparentemente, à primeira vista, conseguimos fazer mais ou menos justiça. O agricultor tem uma vida relativamente pacata e pouco complexa. Quando, porém, olhamos mais de perto, constatamos que também eles não estão mais no mundo de 20 ou 30 anos atrás. A situação bastante uniforme deles está mudada. O mundo de fora está invadindo a colônia. O agricultor cada vez mais sai da zona rural. Com isso também o mundo dele se torna cada vez mais complexa. Mais situações aparecem, mais perguntas surgem, mais dúvidas, mais difícil se torna decidir responsabilmente. Como viver a partir do Evangelho? Que conseqüências tem o Evangelho na vida do agricultor? Conseqüências talvez diferentes que as costumeiramente encontradas?

Será que a IECLB está ao lado dos agricultores nesta reflexão não tão acostumada para eles? Será que o culto dominical, ou um culto a cada duas semanas, cada mês, será isto subsídio suficiente? Não contribuimos para a passividade? Estão preparados para as decisões cada vez mais complexas de nossos dias? Estão preparados quando vem à cidade? A situação pode ser a menos complexa de todos os grupos de membros de nossas comunidades. Por outro lado é talvez a mais difícil de ser mudada.

O culto dominical, o ensino confirmatório e outras realizações são grandezas que ainda pesam na vida do agricultor, porque não há tantas outras grandezas que tiram a impressão. Mas a situação está mudando: mais e mais agricultores estão deixando a terra e a colônia também é invadida por cada vez mais influências de fora. A situação merece a nossa preocupação. Que dizer então dos agricultores que se tornaram operários, nos bairros de nossas cidades? Ou dos jovens que são estudantes de primeiro e segundo grau e de curso superior ou dos que conseguiram levantar uma indústria ou abrir uma loja, ou que desempenham profissões liberais? O mundo desta gente está radicalmente mudado. Mas na comunidade a nossa maneira de trabalhar e pensar não mudou adequadamente. Não conseguimos acompanhar o ritmo de transformações.

A maioria dos operários saiu do interior para os bairros de nossas cidades, num ambiente totalmente diferente do conhecido. Além de uma luta dura pela sobrevivência, pela educação dos filhos, por um teto, o operário precisa lutar pela sua fé evangélica, rodeado por uma vaga religiosidade popular católica, por agressivas igrejas pentecostais, adventistas, testemunhas de Jeová, terreiros de umbanda. E a igreja da IECLB na maioria das vezes fica no centro da cidade. O operário como "living document" da IECLB não está merecendo atenção suficiente na sua situação específica, nem social, nem espiritualmente. Vemo-lo em função da comunidade, mas não vemos suficientemente a comunidade em função dele. Aqui não temos consciência da afirmação de Coríntios, que quando um membro sofre, todos os outros sofrem. Não estamos vendo suficientemente o sofrimento do operário e muito menos participando dele e nem nos damos conta de que com isso nós também estamos sofrendo. O que acontece na realidade é que não só não estamos levando a sério um dos membros, mas não estamos levando a sério o corpo todo.

Em situação semelhante estão os jovens, filhos dos membros de nossas comunidades. A partir da quarta série do primeiro grau a vida é cruel para muitos de nossos jovens. De dia precisam trabalhar, para estudar à noite. Os pais não estão em condições de orientá-los porque eles mesmos estão desorientados. A maioria dos pais não terminou o curso primário. Então sentem-se inseguros diante dos filhos e não raras vezes deixam que estes sigam os seus próprios caminhos. Não sentem mais autoridade. Então procuram garantir o amor dos filhos, não os contrariando. E os filhos fazem

o que querem, mas no fundo sentem-se frustrados, porque com 14, 15, 16 anos tem que decidir sua vida sozinhos e acabam envolvidos em uma porção de influências, felizmente algumas delas boas.

Na pergunta por Deus, e que é feita maciçamente, a grande maioria dos jovens não tem com quem dialogar. Surpreende, por exemplo o grande número de jovens que não consegue se localizar diante da questão da criação. A dificuldade torna-se maior diante de Jesus Cristo. A base deles é o “eu acho isto — eu acho aquilo”. Por que acham isto ou aquilo poucos sabem dizer, talvez porque um outro disse. Poucos leram algo a respeito. E assim patinam sempre no mesmo lugar, até se cansarem. Alguns estão tão vazios e ficam tão desesperados, que quando alguém lhes diz que devem aceitar Jesus Cristo eles o fazem cegamente. Isso poderia ser uma bênção se em seguida tivessem alguém para dialogar sobre o que isso significa e sobre as conseqüências. Mesmo sem diálogo alguns permanecem fiéis a Cristo, para outros o acontecimento torna-se apenas mais uma decepção grave, por falta de alguém a seu lado. Outros aceitam Alan Cardec, Joseph Smith, Jeová, a maconha, cogumelo, LSD.

Acusa-se a Igreja de ter estado ligada, às vezes, aos ricos e poderosos. Hoje chegamos a uma época em que facilmente e generalizadamente aplicamos a estes membros da Igreja o rótulo de exploradores e injustos. Em geral fazemos isso de longe. Muitas vezes nós pastores fugimos das dificuldades de um diálogo, onde estivéssemos dispostos a ouvir, e nos escondemos atrás do púlpito ou de uma revista teológica. Não estou dizendo que estas preocupações da Igreja não cabem no púlpito ou no jornal. Mas um diálogo muitas vezes mostra um quadro bem diferente, mostra, por exemplo, que entre os que praticam injustiças muitos são mais vítimas do que autores. O mundo deles é cruel e a agressão à integridade é violenta. Isso não diminui a sua responsabilidade, mas por não os levarmos a sério, combatemos injustiça com injustiça e prejudicamos a nossa autoridade quando precisamos combater injustiça com justiça. E em compensação os pastores também não somos levados a sério. A eficácia do Evangelho em última análise não depende de nós. O Evangelho tem poder em si. Mas é uma questão de obediência ao Evangelho nós levarmos o próximo a sério assim como ele é e o aceitamos a ele mesmo sem condições.

As ponderações acima em largos traços também valem em relação aos membros da comunidade que desempenham profissões liberais. Também eles não tem subsídios suficientes para que o Evangelho possa ser determinante de suas atividades e vidas.

Além de perguntarmos pela situação dos diversos grupos mencionados, perguntamos por situações especiais na vida de todos os membros da Igreja. Como se sente alguém, quem é alguém que está doente, que perdeu a esposa, que por um acidente fica preso a uma cadeira de rodas, que mora com a esposa e 6 filhos em 2 pequenas peças, que ganha na loteria, que é mãe solteira, que per-

deu a loja num incêndio, alguém cuja fábrica progride numa hora para outra, que perdeu a colheita num granizo, alguém que comprou seu primeiro automóvel, alguém que não ganhou ordenado no fim do mês, a criança no primeiro dia de aula? Como é que conseguimos encontrar estas pessoas no lugar onde se encontram e o que fazemos com este encontro?

Estes são traços importantes do quadro da realidade da IECLB. É uma realidade que deve preocupar. Devemos dedicar mais atenção a ela e pesquisá-la muito mais. Ela não deve provocar o nosso pessimismo. A partir do Evangelho não precisamos nos deixar dominar pelo pessimismo. Espero que consigamos ver muito mais uma oportunidade e um desafio do que pessimismo. Também seria injustiça pôr toda a culpa por esta situação na Igreja, ou, quem sabe, na direção da Igreja, ou nos presbíteros, nos pastores. Há mais fatores. Inclusive há membros na IECLB que querem a Igreja como ela está, não a querem diferente. Mas há também fatores sociais, históricos, econômicos. Mas cabe-nos culpa também. Cito alguns pontos onde falhamos.

Depois de um ensino confirmatório, onde apenas conseguimos abordar os rudimentos da fé cristã, tratamos os nossos membros como adultos, principalmente na pregação. Concordo que não se deve estagnar no nível mais baixo existente. Mas tenho a impressão que procedemos como se uma professora passasse matéria de quinto ano a um aluno que acabou de sair do primeiro ano. O aluno só pode se sentir perdido e nunca vai superar aquele abismo.

Valorizamos unilateralmente o todo da Igreja e da comunidade. Certamente o todo é importante, mas tão importante como o todo são as partes. A vida do todo depende das partes e a vida das partes depende do todo. Por isso, se as partes, se os membros da IECLB estão sofrendo, estão fracos, vazios, é importante voltarmos a nossa atenção a eles, claro que não perdendo de vista o todo.

Corremos o perigo de tentar superar a situação com novos programas e trabalhos, novas iniciativas, a custa de membros que já estão cansados, sem forças.

Estamos numa fase onde é mais importante dar do que receber. Não penso em dar à maneira paternalista, mas dar construtivamente, dar-nos a nós mesmos, dar o Evangelho, dar amor e graça, dar às pessoas por causa delas mesmas, não por causa da Igreja, sem logo calcular o resultado e os frutos.

Parece que a nossa mentalidade é muito mais de colher. Colher para a comunidade, colher para a Igreja, colher para programas e projetos, colher pela necessidade de nos sentirmos realizados. Essa tendência é tanto mais perigosa porque ela é tão humana. Claro que precisamos colher também, para a Igreja toda e seus empreendimentos. Mas a nossa consciência deve estar orientada para o dar a nossos membros, não investir, mas dar.

Sabemos que o dar na Igreja é um investimento que rende dividendos. Mas vamos esquecer estes dividendos, não vamos espe-

cular, vamos ver a nossa gente das comunidades, em suas necessidades. Vamos ver, olhar, procurar os membros da Igreja e oferecer graça a eles. Vamos orientar o nosso trabalho, o nosso ser nesta direção. E se houver necessidade de admoestação, correção, justiça, vamos proclamar admoestação, correção, justiça no espírito de dar.

É muito mais tentador pedir, exigir, querer colher, mas este não é o papel da Igreja. O dar caracteriza muito mais a autenticidade da Igreja do que o receber.

E para dar da forma mais certa possível, é importante conhecer o que eu dou e, este o assunto da noite, a quem eu dou.

Dar o que?

Dar de tudo o que temos condições de dar. Vemos o homem como um todo. Mas, não importa em que altura, é secundário de que maneira, a Igreja tem a oferecer o que ninguém mais tem, e o que é privilégio e missão ao mesmo tempo oferecê-lo aos homens dentro e fora da IECLB: o Evangelho de Jesus Cristo.

Para isso é importante saber quem é o membro da comunidade e onde ele se encontra. Porque só então podemos oferecer o Evangelho na forma e na hora certas: em forma de visita no hospital, em forma de um pedaço de pão, em forma de uma conversa noite adentro, em forma de emprestar o ouvido a uma confissão, em forma de pregação dominical, em forma de admoestação, em forma de denúncia de injustiça, ou em qualquer outra forma, sempre podemos oferecer o Evangelho mais justamente, se sabemos onde se encontra o homem a quem o damos.

As vezes achamos que a localização geográfica basta. Damos valor demais à geografia. O pastor e o membro da comunidade se encontrarem na mesma igreja ou no mesmo quarto de hospital pode não ser um encontro. É necessário encontrar o membro da comunidade atrás do tom de sua voz, atrás da expressão alegre ou triste de seu rosto, atrás da agressividade de suas palavras, atrás de seu entusiasmo, atrás de sua infidelidade conjugal, atrás de seu porteiro eletrônico, e encontrá-lo ali por causa dele mesmo. O que acontece a alguém a quem queimou a casa? Em geral corremos a lhe oferecer dinheiro. A maior necessidade dele pode ser outra.

### **Algumas sugestões**

Como ir ao encontro dos membros das comunidades na situação em que se encontram? Como encontrá-los? Onde achá-los? Como comunicar-se com eles?

Estas perguntas devem fazer parte do estudo da teologia e do pastado. Não devem largar-nos na Faculdade, na IECLB. Alguns de nós terão mais dons neste sentido do que os outros. Alguns aprenderão mais facilmente técnicas no trocar em miúdos a bagagem teológica do que outros.

**Cito aqui apenas algumas idéias que julgo importantes:**

Acho que para início de trabalho precisamos ser mais modestos. Precisamos confrontar as nossas comunidades com o Evangelho formulado em algumas poucas verdades básicas, claras e compactas.

Precisamos progredir em etapas didaticamente estudadas de acordo com a situação dos membros da comunidade. As vezes afogamos nossa gente em demais verdades teológicas. Eles se perdem e confundem. Espero que o catecumenato permanente possa nos ajudar neste ponto. Igrejas com mentalidade mais primitiva do que a nossa andam um longo caminho com João 3, 16, ou com a confissão "Deus é amor". Uma das igrejas pentecostais no Brasil não manda pregador com experiência de comunidade para área missionária nova. Mandam um operário sem experiência para o meio de operários. Dizem terem constatado que pregador com experiência não pensa e vive em categorias de "não convertidos". Por outro lado não mandam pregador novato para comunidade de segunda geração.

Quem passa cinco anos aqui na Faculdade chega a conhecer a linguagem e raciocínio teológicos de livros escritos na Alemanha e nos Estados Unidos. É o que de melhor existe em literatura teológica para nossa situação. Mas é muito difícil e custoso mudar para uma linguagem e raciocínio bem mais primitivos de nossas comunidades. As vezes até colocamos os dois níveis em termos de valor. Por isso aqui cabem um esforço e cuidado todo especiais.

Parece ainda acontecer outra coisa: assim como homens acumulam bens econômicos e perdem a sensibilidade para o pobre, e chegam a vê-lo como tendo valor inferior, assim parece que pastores e teólogos que acumulamos uma riqueza teológica perdemos a sensibilidade pelo teologicamente menos favorecido. As vezes também colocamos isso em termos de valor. Seria uma espécie de imperialismo teológico, onde não há mais preocupação de reparar com o menos afortunado em conhecimentos teológicos.

Alguém disse esta frase nos Estados Unidos: Precisamos pensar praticamente a respeito da teologia e teologicamente a respeito da prática. Precisa acontecer uma espécie de "den Leuten aufs Maul schauen", mas não só em questões de língua.

### **Começar por casa**

É importante começar por casa. Que significa a pergunta aqui em casa? Ela nos faz olhar para nós e para o outro aqui dentro. Quem é o estudante? Qual é a situação dele? Que impacto o estudo tem sobre ele? Fazemos estas perguntas quando o estudante ingressa na Faculdade. Perguntamos e analisamos: quem é o estudante que vem aqui? Fazemos a pergunta com vistas à Faculdade e à Igreja. Precisamos analisar a motivação e as condições do estudante. Para ser estudante e para ser pastor são neces-

sárias certas condições pessoais. Isso é responsável. Não temos possibilidade e não há tanta necessidade de naqueles dias ver o estudante como ele mesmo. Isto deve mudar depois do exame de seleção.

Para os que não são aceitos isso é um baque muito grande. Isso deve nos levar à pergunta pelo que podemos fazer para que ele não se sinta rejeitado como pessoa. O que podemos fazer aqui? Quem poderia estar ao lado do jovem quando volta para casa? O acontecimento aqui é diferente do que se numa outra faculdade há 500 candidatos para 100 vagas. Que outro aproveitamento poderia haver na Igreja que não seja pastor? Como poderia o jovem colaborar como leigo, membro de sua comunidade?

Em relação ao estudante que é aceito na Faculdade, sempre devemos vê-lo em função da Faculdade e da Igreja. Mas ao mesmo tempo agora precisamos vê-lo como ele mesmo. Quem é ele? Onde está ele? Por que está lá? Estas perguntas são tão ou mais importantes como: Quanto ele sabe? O que ele faz? O que ele estuda? O que ele tem? Há uma tendência natural nesta casa, e até certo ponto justa, de perguntar pelo que o estudante sabe. Mas ela não deve abafar a pergunta pelo que o estudante é.

Esta pergunta também se torna importante quando o estudante deixa a casa, tanto para o que abandona o estudo, como para o que se forma. Eles são durante anos membros da comunidade desta casa e a sua saída poderia ser um ensejo para compartilhar sobre o que passou e o que está pela frente, não para dar os derradeiros conselhos, mas para uma avaliação dele, nossa, e o que isso significa para o amanhã. Seria um estar com eles num ponto importante da vida deles.

Isto sobre a relação Faculdade — estudante. A mesma reflexão é importante na relação estudante — estudante, docente — estudante, estudante — docente, docente — colega, estudante e docente — funcionários da casa, da cozinha, funcionários — docentes e estudantes, sempre incluídas as famílias, onde as há.

Esta é uma visão global e uma preocupação global. Dentro dela deve caber, por exemplo, um docente que vê a sua missão, recebida de Deus, o uso responsável de seus dons, na pesquisa científica de sua matéria e a partir dali num bom equipamento dos estudantes. Dentro desta visão também deve caber um estudante que em responsabilidade perante Deus e os homens decide voltar toda a sua atenção aos "written documents".

Mas a visão acima exposta, a visão global, que inclui os "living documents", esta é importante que todos a tenhamos, aqui na Faculdade e em toda a IECLB.